



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MÁRCIA DA CRUZ SANTANA DOMICOLI**

**GEOGRAFIA E VIDEOAULAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I:  
ALTERNATIVA E POSSIBILIDADE NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

Orientador: Prof. Dr. Enio José Serra dos Santos

**Rio de Janeiro- RJ  
2022**



**MÁRCIA DA CRUZ SANTANA DOMICOLI**

**GEOGRAFIA E VIDEOAULAS:  
ALTERNATIVA E POSSIBILIDADE NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

**Orientador: Prof.º Dr. Enio José Serra dos Santos**

**Examinadora 1: Prof.ª Dr.ª Graça Reis**

**Examinadora 2: Prof. Dr.ª Patricia Baroni**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui. A meu esposo Otoniel por toda a dedicação e paciência contribuindo diretamente para que eu pudesse ter um caminho mais fácil e prazeroso durante esses anos.

Agradeço aos meus filhos Matheus e Leticia que sempre acreditaram em meu potencial e me incentivaram a cada dificuldade encontrada ajudando-me na busca do amadurecimento pessoal e profissional.

Agradeço em especial a minha mãe Marta, que incansavelmente orou por mim durante todo o processo. A família Coutinho e aos meus diretores Hilton Vasconcelos Coutinho e Joana D'arc Santanna Coutinho (in memoriam), por todo apoio e credibilidade.

Agradeço aos professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro que sempre estiveram dispostos a ajudar e contribuir para um melhor aprendizado, por todos os conhecimentos compartilhados e pelas contribuições à minha formação.

Agradeço ao meu orientador Dr. Enio José Serra dos Santos, por me permitir compartilhar da sua extrema sabedoria e competência, pela paciência e pelo incentivo.

Agradeço também a minha instituição por ter me dado à chance e todas as ferramentas que permitiram chegar hoje ao final desse ciclo de maneira satisfatória.

Aos professores da banca examinadora, Graça Reis e Patricia Baroni pela gentileza em participar e pelas contribuições para o aprimoramento do presente trabalho de pesquisa monográfico.

O tempo muito me ensinou:  
Ensinou a amar a vida,  
Não desistir de lutar,  
Renascer na derrota,  
Renunciar às palavras e pensamentos negativos,  
Acreditar nos valores humanos,  
E a ser otimista.  
Aprendi que mais vale tentar do que recuar.  
Antes acreditar do que duvidar,  
Que o que vale na vida,  
Não é o ponto de partida e sim a nossa  
caminhada.

Cora Coralina

## RESUMO

DOMICIOLI, Márcia da Cruz Santana. Geografia e Videoaulas: alternativa e possibilidade no Ensino Remoto Emergencial. UFRJ. Rio de Janeiro, 2022.

O presente trabalho é fruto de investigação monográfica, requisito de conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRJ. A partir de experiência como professora da educação básica em momento pandêmico iniciado no ano de 2020, devido ao vírus SARS-CoV-2, emergiram algumas indagações sobre o ensino remoto através do uso das plataformas digitais. Tal estratégia possibilitou o uso e a publicação de videoaulas na internet de diversas disciplinas para acesso flexível ao público de diferentes faixas etárias. Diante de tal cenário, é possível argumentar que o uso das ferramentas tecnológicas no processo ensino e aprendizagem exige mais que o conhecimento técnico; é fundamental o olhar através do conhecimento pedagógico. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi investigar que processos didáticos foram adotados em videoaulas para a veiculação de conteúdos de ensino de Geografia para alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. A escolha metodológica foi pela pesquisa exploratória através da coleta de dados em videoaulas de geografia disponibilizadas na plataforma YouTube para crianças de seis anos de idade. Como critério de análise, buscou-se identificar: o tipo de abordagem, metodologia e conteúdo educacionais que estavam sendo veiculados; quem os produzia; que perspectiva pedagógica era atribuída na disciplina de Geografia para o público infantil. Os resultados indicam que a produção de vídeos digitais promove o fácil acesso, o formalismo simples, a inserção dos alunos no mundo globalizado e pode ou não suscitar o desenvolvimento do pensamento crítico. No entanto, considera-se que as tecnologias podem ser meros veículos transmissores de informação ou então veículos que auxiliam na aprendizagem e no ensino.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Videoaulas. YouTube. Ensino remoto.

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro 1</b> - Canais do YouTube que apresentavam aulas de Geografia para o o 1º ano Fundamental.....	20
<b>Quadro 2</b> - Descrição dos princípios do raciocínio geográfico.....	22
<b>Tabela 1</b> - Títulos e links das videoaulas selecionadas .....	.23
<b>Tabela 2</b> - Dados das videoaulas disponibilizadas no Youtube .....	.24

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO 1- EDUCAÇÃO E ENSINO REMOTO.....	13
1.1 Educação: perspectivas legais sobre o Ensino Fundamental I.....	13
1.2 Ensino Remoto e Tecnologia da Informação e Comunicação.....	15
CAPÍTULO 2- PERCURSO METODOLÓGICO.....	18
CAPÍTULO 3- VIDEOAULAS DE GEOGRAFIA NO YOUTUBE: ANÁLISES E DESDOBRAMENTOS PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

## INTRODUÇÃO

A utilização de videoaula - aula gravada para ser reproduzida em forma de vídeo - na educação aumentou nos últimos dois anos devido à pandemia decorrente do novo coronavírus causador da Covid-19. O ano de 2020 será marcado na vida dos brasileiros e do mundo como um todo em decorrência de um vírus respiratório chamado SARS-CoV-2, sigla oriunda do termo "severe acute respiratory syndrome coronavirus 2" (síndrome respiratória aguda grave de coronavírus 2), responsável por provocar um quadro inflamatório conhecido como doença do coronavírus 2019 (COVID-19), nomeado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (LIU et al, 2020). Em 30 de janeiro de 2020, a OMS decretou a COVID-19 como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. De acordo com a OMS, foi declarado no dia 09 de março de 2020 que a COVID-19 é uma doença infecciosa provocada por vírus que se propaga em humanos, sobretudo a partir de gotículas desenvolvidas quando uma pessoa contaminada espirra, fala ou tosse. Depois de dois dias, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, anunciou que a COVID-19 estava caracterizada como uma pandemia, devido aos mais de 118 mil infectados, em 114 territórios naquele momento, dos quais 4.291 pessoas vieram a óbito pelo Coronavírus (OMS, 2020).

A organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no dia 18 de março de 2020, confirmou que 85 países fecharam totalmente as atividades presenciais para amenizar o contato com o novo coronavírus, atingindo 776,7 milhões de jovens e crianças estudantes, sendo assim, foi optado pelo ensino completamente a distância, decisão tomada após discussão ocorrida em evento que os governos de 73 países participaram virtualmente (UNESCO, 2020).

A interrupção das aulas presenciais, diante das medidas de isolamento adotadas em diversos países, foi uma realidade vivida por professores e estudantes para conter as contaminações. As perturbações resultantes daí exacerbam as disparidades já existentes nos sistemas educacionais, mas também em outros aspectos de suas vidas, incluindo: aprendizagem interrompida, aumento das taxas de abandono escolar, maior exposição à violência e à exploração, disparidade da desigualdade social, desafios para mensurar e validar a aprendizagem, entre outros.

Estudos realizados por pesquisadores do LaPopE/UFRJ em parceria com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal apontam que os efeitos negativos sobre o aprendizado foram maiores para as crianças em situação de maior vulnerabilidade social mais fortemente impactadas com perdas significativas: aprenderam aproximadamente a



metade do que os seus pares não vulneráveis durante o ano de 2020 e aprenderam em ritmo mais lento.

As evidências apontam que houve significativa perda de aprendizado durante a pandemia se distinguindo entre um aprendizado esperado (“aprendizado adiado”) e o aprendizado que foi perdido (“perda de um conhecimento já adquirido”) (UNESCO, 2021). No Brasil, estudos identificaram perdas médias estimadas entre 4 a 10 meses de aprendizagem. Outro achado importante sugere que as crianças pequenas foram mais fortemente impactadas pela pandemia no seu aprendizado (UK, 2021a; PATRINOS et al., 2022).

As desigualdades de aprendizado existentes antes da pandemia foram acentuadas visto que os estudantes mais pobres e com pais menos escolarizados provavelmente foram mais prejudicados no acesso e na capacidade de usar a tecnologia para o aprendizado no formato remoto. Esse impacto diferencial foi possivelmente maior no Brasil do que o reportado nos estudos internacionais e reforça a necessidade de ações de recuperação da educação, pois os efeitos da pandemia escancararam essa problemática e impôs desafios ainda mais urgentes. Outro fator apontado foi o apoio que os alunos receberam dos pais e o ambiente de aprendizagem proporcionado dentro de casa. Os resultados revelam que as oportunidades de aprendizagem estão diretamente associadas ao perfil socioeconômico das famílias. Diante dos dados que apontam graves efeitos da pandemia para o contexto da educação: aumento das desigualdades de aprendizado, aumento do abandono escolar, perda de aprendizado, impactos negativos no bem-estar e na saúde mental, são suficientes para informar políticas públicas para atenuar os efeitos da pandemia no Brasil. O que podemos perceber é que programas foram instituídos com a finalidade de combater as desigualdades de aprendizagem como: estratégias de recomposição de aprendizagens, expansão do tempo de instrução, tutoria individual ou de pequenos grupos (KOSLINSKI, 2022).

Neste trabalho, temos como objetivo investigar que processos didáticos relacionados ao ensino da Geografia foram adotados para a construção de conhecimentos pelos alunos nas séries iniciais, mais precisamente em turmas do 1º ano Ensino Fundamental. Para tanto, foram identificadas e analisadas características de videoaulas de Geografia do YouTube destinadas às crianças de seis anos de idade. Considerou-se a necessidade de verificar o que foi produzido e saber que tipo de abordagem, metodologia e conteúdo estão disponíveis na plataforma YouTube para as crianças.

No entanto, é preciso pensar sobre a escola e as aulas presenciais antes de começarmos a analisar as videoaulas. Para Castro (2013), a escola é uma das experiências

mais marcantes na vida de uma criança. Ir para a escola constitui o aspecto primordial que, a partir de nossa história recente, tem caracterizado dois momentos da vida humana: o da infância e o da juventude, que passaram a ser vistos como etapas de formação do indivíduo. A autora impôs-se o desafio de entender a infância num mundo em transformações aligeiradas. Uma vez que configuram nossos modos de vida, atravessados por formas diversas de comunicação, de vivências, do tempo acelerado do espaço real e virtual, e por experiências de convivência, que, por vezes, causam estranhamento à nossa condição humana.

Uma questão importante é como os adultos podem ajudar as crianças a darem sentido positivo à experiência escolar? As crianças do século XXI mostram, a julgar pela gama de experiências de seu cotidiano, que aprendem de outras maneiras, vendo a televisão ou navegando na internet, e que sabem e conhecem sobre a realidade muito além do que lhes é ensinado na escola. Bem como argumenta a autora:

Parece fundamental reconstruir criticamente a visão das crianças sobre a escola a partir de uma perspectiva de transformação social, em que a instituição seja vista como a serviço da emancipação individual e coletiva, e não simplesmente a reboque dos imperativos da economia. (CASTRO, 2013, p.111)

Com o advento da Covid-19, que se instalou em março de 2020, a adoção do ensino remoto de forma rápida e sem muito tempo para reflexão foi a alternativa encontrada pelos sistemas de ensino nas diversas esferas (municipal, estadual, federal e privada) trazendo profundas transformações nos mais variados aspectos da vida cotidiana, incluindo as realidades educativas e os processos de ensino-aprendizagem. Por conta das medidas sanitárias e distanciamento social, as atividades pedagógicas foram suspensas e imediatamente ocorreu o fechamento das escolas.

A educação sofreu modificações nesse contexto e todas as aulas foram reformuladas, o que significou, em primeiro momento, um processo de migração para as plataformas online com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Segundo o dicionário Houassiss, etimologicamente o verbete remoto, do latim *remotus*, significa afastado, longínquo, distanciado. Porém, é importante percebermos que para o contexto aplicado na Educação nesse período pandêmico, o afastamento foi no espaço físico porque boa parte das aulas aconteceram de forma síncrona, onde professores e estudantes puderam interagir virtualmente em tempo real.

Com a necessidade de suspensão das aulas presenciais, muitas questões foram surgindo a respeito do ensino remoto para as turmas do segmento. Para minimizar as

consequências do ensino remoto nas séries iniciais do Ensino Fundamental, as propostas envolviam atrair os pequenos com vídeos de curta duração, atividades factíveis, produção com materiais disponíveis em casa, propostas de atividades sempre buscando respeitar a disponibilidade das famílias, pois muitos estavam com uma carga horária de trabalho elevada, muitas vezes tendo que trabalhar em *home office*, aprendendo a lidar com seus muitos desafios, como aponta Castells e Cardoso (2005, p .364):

Passamos cada vez mais tempo sentados, em posições incorretas, a consumir informação. Embora o trabalho ligado à informação não seja fisicamente tão exigente quanto o trabalho industrial, provoca um stress diferente, através de posições de trabalho estáticas (o aumento do teletrabalho a partir de casa tornou necessário que se desse uma especial importância à ergonomia não só nas empresas, mas também nos lares). A situação é ainda agravada pelo hábito crescente de as pessoas passarem o seu tempo livre num mundo virtual estático (computador, televisão, jogos virtuais, etc.)

Sobre o ensino de Geografia e seu lugar nas séries iniciais, é importante criar condições para que a criança leia o espaço vivido, ou seja, realize uma alfabetização cartográfica, por exemplo, que se inicia pelo reconhecimento dos lugares e identificação das paisagens. Tal entendimento é proposto por Callai (2005) quando ressalta ser fundamental saber olhar, observar, descrever, registrar e analisar as paisagens. É de suma importância que as crianças “descubram” sua rua, o bairro e a cidade em que vivem, para que através de sua realidade mais próxima possam compreender o global e suas relações com o local. Além disso, torna-se fundamental chamar a atenção e mostrar aos alunos as semelhanças e as relações entre a Geografia apresentada nos livros didáticos e a Geografia vivida no dia a dia. É importante que a criança compreenda que as paisagens são resultadas da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades.

Mas como fazer isso com a chegada da pandemia da covid-19? Com transformações nos mais variados aspectos da vida cotidiana? Para entender e propor a Geografia como um componente curricular significativo, é preciso refletir sobre as possibilidades de encontrar formas de compreender o mundo. Numa trajetória em que o conteúdo seja, em especial, o mundo da vida dos sujeitos envolvidos e, como afirma Marques (1993), combinando a “cadeia dos conceitos e categorias de análise com a trama das experiências e da cultura mesma do grupo envolvido” (p.111). Portanto, segundo a autora, estudar a Geografia é uma oportunidade para abordar as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta, além de

contribuir para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas.

Em meio à pandemia e ao ensino remoto, as videoaulas acabaram sendo utilizadas para desenvolver vários conteúdos escolares, dentre os quais os conteúdos da Geografia. Utiliza-se o termo ‘videoaula’ em sua representação mais genérica. Há termos correlatos como: ‘vídeo no ensino’, ‘vídeo educacional’, ‘vídeo didático’, ‘vídeo instrucional’ e ‘vídeo tutorial’. Mesmo sabendo que tais termos podem ser utilizados em cenários específicos, como é o caso de ‘vídeo instrucional’ e ‘vídeo tutorial’, consideramos o termo videoaula uma boa generalização para a mídia vídeo quando utilizada com a finalidade de ensino e aprendizagem (BARRÉRE, 2014).

Essa mídia, assim como tantas outras, pode ser utilizada para o ensino e ter finalidades pedagógicas (MORÁN, 2000). É diante desse cenário complexo do ensino remoto que questionamos: quais são as possibilidades e potencialidades nos saberes e nos fazeres do ensino de Geografia para crianças no momento contemporâneo através de videoaulas?

Com o objetivo de investigar que processos didáticos ao ensino da Geografia foram adotados para a construção de conhecimentos pelos alunos nas séries iniciais em turmas do 1º ano Ensino Fundamental, este trabalho é organizado em três partes, além dessa introdução e das considerações finais.

O primeiro capítulo, “Educação e ensino remoto”, está subdividido a partir de dois temas específicos: perspectivas legais sobre o Ensino Fundamental I e o ensino remoto e tecnologia da informação e comunicação. O segundo capítulo marca o percurso metodológico, apresenta o problema, o objetivo geral, os objetivos específicos, a justificativa e os critérios de seleção e análise dos dados. E, por fim, o terceiro capítulo, chamado “Vídeos educativos no YouTube: análises e desdobramentos”, aborda cada videoaula selecionada em suas especificidades.

## CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO E ENSINO REMOTO

### 1.1 EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS LEGAIS SOBRE O ENSINO FUNDAMENTAL I

Todo o ato de pensar é original e favorece a descoberta, criando prazer da produtividade intelectual, diferentemente do armazenamento de informações transmitidas por terceiros. É necessário que sejam proporcionadas condições que estimulem o pensamento para que o aprendizado ocorra.

John Dewey

Em diálogo com a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) entende a educação como processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. No Brasil, a Educação divide-se em dois níveis: a Educação Básica e o Ensino Superior. A Educação Básica compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, fundamentadas na Constituição Federal e demais leis que buscam organizar e qualificar a Educação Básica do país definem-se como um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos capazes de orientar as escolas brasileiras na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, fundamentadas na Constituição Federal, na LDB e demais leis que buscam organizar e qualificar a Educação Básica do país definem-se como um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos capazes de orientar as escolas brasileiras na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas (BRASIL, 1998). O documento cita ainda que organizar, articular, desenvolver e avaliar significa a totalidade do trabalho escolar e se aplica à gestão, ao currículo, ao trabalho didático-pedagógico e às medidas que avaliam e indicam aperfeiçoamentos no trabalho escolar como um todo.

Nesse documento, as propostas pedagógicas devem ser definidas com base nas identidades individuais e coletivas. Essa perspectiva entende o currículo a partir da concepção de cultura como prática social e é compartilhada por Moreira e Candau (2006, p. 23), que definem o currículo como um “conjunto de práticas que proporcionam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais”. Entende-se, pois, que

o currículo não poderia ser imposto, distribuído em apostilas ou simplesmente publicado no Diário Oficial, porque ele se realiza na produção, na circulação e consumo de significados, com vista a criar identidades dos sujeitos que educam e são educados.

Como mencionamos, a estrutura do sistema educacional brasileiro é definida por duas legislaturas principais: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei n.º 9.394 de 1996 – e a Constituição Federal de 1988 – que dentro do Capítulo III determina que a Educação Básica é um direito de todos os cidadãos. Essas diretrizes autorizam que as esferas governamentais conduzam e mantenham os programas educacionais, que são pensados a partir da BNCC, um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de acordo com o Ministério da Educação.

Desde 2008, o Ensino Fundamental tem duração total de 9 anos e carga-horária mínima de 800 horas anuais (distribuídas em pelo menos 200 dias letivos efetivos). É dividido em dois grupos: anos iniciais ou Ensino Fundamental I e anos finais ou Ensino Fundamental II. O Ensino Fundamental é a etapa seguinte à Educação Infantil e envolve o desenvolvimento de crianças e pré-adolescentes.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), no Ensino Fundamental I devem estudar crianças de 6 a 10 anos de idade de modo que a alfabetização do aluno deve ocorrer obrigatoriamente no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, ou seja, aos seis e sete anos a criança tem o direito de aprender a ler e escrever dentro das normas básicas para a leitura e escrita.

Diferente da Educação Infantil, a proposta da *BNCC: Ensino Fundamental – Anos Iniciais* é a progressão das múltiplas aprendizagens, articulando o trabalho com as experiências anteriores e valorizando as situações lúdicas de aprendizagem. Segundo o documento da BNCC:

Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. (BRASIL, 2018, p. 58).

Portanto, ao compreender as mudanças no processo de desenvolvimento da criança para maior autonomia nos movimentos e a afirmação de sua identidade, a *BNCC: Ensino Fundamental – Anos Iniciais* diz que propõe o estímulo ao pensamento lógico,

criativo e crítico, bem como sua capacidade de perguntar, argumentar, interagir e ampliar sua compreensão do mundo, embora tenhamos avaliações externas que não levam em conta essas capacidades.

No caso do ensino de Geografia, Libâneo (1994) reitera que as estratégias pedagógicas tradicionais liberais têm sido uma práxis que não têm contribuído para o desenvolvimento do raciocínio geográfico junto aos alunos na Educação Básica. Isso porque tais estratégias primam somente pela memorização, fragmentação e disciplinamento dos alunos em prol de manutenção da sociedade de classe e, portanto, segundo o autor, do *status quo*. Sendo assim, é preciso superar a aprendizagem com base apenas na descrição de informações. De modo a enfrentar esse desafio, o componente Geografia da BNCC foi dividido em cinco unidades temáticas comuns ao longo do Ensino Fundamental, em uma progressão das habilidades: i) O sujeito e seu lugar no mundo, ii) Conexões e escalas, iii) Mundo do trabalho, iv) Formas de representação e pensamento espacial, v) Natureza, ambientes e qualidade de vida. Em todas essas unidades, destacam-se aspectos relacionados ao exercício da cidadania.

No *Ensino Fundamental – Anos Iniciais*, as crianças devem ser desafiadas a reconhecer e comparar as realidades de diversos lugares de vivência, assim como suas semelhanças e diferenças socioespaciais, e a “identificar a presença ou ausência de equipamentos públicos e serviços básicos essenciais como transporte, segurança, saúde e educação” (BRASIL, 2018, p. 362). Para tanto, de acordo com o documento, a abordagem dessas unidades temáticas deve ser realizada integradamente, uma vez que a situação geográfica não é apenas um pedaço do território, uma área contínua, mas um conjunto de relações.

## 1.2 ENSINO REMOTO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

No processo de construção de novos conhecimentos, o conteúdo é um aspecto a ser considerado. Ao questionarmos “o que o aluno deve saber?”, “o que se deve saber fazer?” e “como se deve ser?”, estamos tratando de aprendizagens de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, respectivamente. Vivenciamos um período de pandemia, com um currículo que precisou ser adaptado emergencialmente para a modalidade online, visando minimizar os prejuízos concernentes à escolarização de milhões de brasileiros em períodos de combate ao novo Coronavírus.

Já os conteúdos audiovisuais, esses desenvolvem formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens que facilitam a interação com o público (MORAN, 2013). É neste estímulo simultâneo dos sentidos que reside a ação educativa do audiovisual. Ainda, destaca que o papel da linguagem audiovisual, consegue ir além da capacidade consciente:

A força da linguagem audiovisual está no fato de ela conseguir dizer muito mais do que captamos, de ela chegar simultaneamente por muitos mais caminhos do que conscientemente percebemos e de encontrar dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos ou que se relacionam conosco de alguma forma. (MORAN, 2013, p. 34)

Há de se destacar que as tecnologias unicamente podem não produzir efeitos significativos sobre o aprendizado do aluno, mas contribuem como ferramentas pedagógicas proveitosas para a melhoria e a expansão do ensino. E, como objeto de estudo complexo e multifacetado, exige usos e abordagens criativas, críticas e interdisciplinares, e podendo ser um “tema transversal” de grande potencial aglutinador e mobilizador (BELLONI, 2001).

Sendo assim, a intervenção de um profissional de educação sobre as possibilidades potentes das plataformas como estratégias engajadas de aprendizado é fundamental. Libâneo (2004) define o planejamento como um processo de racionalização, organização e coordenação da prática docente. O planejamento deve considerar: Quem são os meus alunos? O que eles devem aprender? Por que eles devem aprender? Como a sequência didática será desenvolvida? Quais ferramentas pedagógicas serão utilizadas?

Um outro aspecto que há de se destacar é, segundo Silva (2001), a concepção de sala de aula interativa. Adverte, também, que no contexto pandêmico o ensino conteudista possui menos força, ou seja, é preciso criar possibilidades para ultrapassar o ensino baseado na transmissão. Para o autor, esse período exige experimentar outras metodologias e práticas que levem em conta o potencial dos recursos digitais e colaboração, a autonomia, a criatividade e a autoria de professores e estudantes.

O ensino híbrido consiste em atividades que combinam de maneira flexível a aprendizagem online e off-line, unindo a sala de aula presencial ao uso das Tecnologia da Informação e Comunicação (TDICs), procurando equilibrar dois espaços de



aprendizagem que promovam o protagonismo, a interação e a apropriação de saberes. O ensino híbrido é definido por Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) como:

(...) um programa de educação formal no qual um aluno aprende por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o modo e/ou o ritmo do estudo, e por meio do ensino presencial, na escola (...) esse método misto pressupõe incorporar parte da flexibilidade e da possibilidade de comunicação através de dispositivos tecnológicos com acesso a internet, para viabilizar o processo de aprendizagem que ocorre independente do encontro presencial no espaço físico (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 52).

O ensino híbrido foi uma tentativa de manter o vínculo entre professores e alunos, tão essencial quando se trata de aprendizagem. Afinal, aprender e saber se dão através de processos interativos. De acordo com Moran (2015),

O ensino é híbrido também, porque não se reduz ao que planejamos institucional e intencionalmente. Aprendemos por meio de processos organizados, junto com processos abertos, informais. Aprendemos quando estamos com o professor e aprendemos sozinhos, com colegas, com desconhecidos. Aprendemos de modo intencional e de modo espontâneo, quando estudamos e também quando nos divertimos. Aprendemos com o sucesso e com o fracasso. O ensino é híbrido porque todos somos aprendizes e mestres, consumidores e produtores de informações e conhecimento. (MORAN, 2015.p.28).

É nessa direção que este estudo busca identificar que produções, que tipo de abordagem, metodologia e conteúdo educacionais estavam sendo veiculados na plataforma YouTube, quem os produzia e que perspectiva pedagógica era atribuída na disciplina de Geografia para o público infantil no período pandêmico.

## CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO

A educação é o processo da renovação das significações da experiência, por meio da transmissão, acidental em parte, no contacto ou no trato ordinário entre os adultos e os mais jovens, e em parte intencionalmente instituída para operar a continuidade social.

John Dewey

A partir do tema de pesquisa sobre o Ensino de Geografia em tempos pandêmicos, com foco específico nas produções audiovisuais disponibilizadas pelo YouTube, buscase refletir e problematizar os diferentes sentidos de Ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nessa direção a problemática que mobiliza este estudo é:

- Quais processos didáticos para o ensino da Geografia foram adotados na construção de conhecimentos em videoaulas para alunos das séries iniciais em turmas do 1º ano Ensino Fundamental em período pandêmico?

Diante desse problema, o objetivo geral buscou analisar as videoaulas sobre Geografia produzidas e publicadas no YouTube para alunos das séries iniciais em turmas do 1º ano Ensino Fundamental em período pandêmico. Para isso, foram definidos dois objetivos específicos:

- Compreender as relações que se estabeleceram na produção de aulas para o ensino de Geografia durante o período emergencial remoto.

- Analisar os processos didáticos na relação entre conteúdo e ensino em videoaulas para turmas de 1º ano do Ensino Fundamental I para crianças de seis anos de idade.

A fim de observar e analisar o uso de videoaulas no período da pandemia e, portanto, direcionar o olhar ao objeto de estudo, a metodologia adotada foi a realização de buscas por canais que disponibilizavam videoaulas de Geografia para o 1º ano do Ensino Fundamental (para crianças de seis anos de idade).

A seleção dos vídeos disponíveis no YouTube foi realizada em duas etapas. Primeiramente realizou-se uma busca pelos descritores “Geografia, “Ensino Fundamental” e “1º ano” e então, posteriormente selecionados os canais. Foram selecionados cinco vídeos para análise qualitativa cuja unidade temática é: *O sujeito e seu lugar no mundo*.

Na visão de Callai (1998), a geografia é uma ciência social e, como tal não deve se desprender da realidade do aluno. Ela deve ser tomada como princípio na explicação

dos fenômenos, já que, “é mais fácil organizar as informações podendo-se teorizar, abstrair do concreto, na busca de explicações, de comparações e de extrapolações.” (p.59). Callai (2005) defende a proposta de estudar o lugar para compreender o mundo, tal necessidade advém do fato de o “lugar” reproduzir as relações mais diversas e longínquas do espaço global. O espaço vivido pelos alunos deve ser o ponto de partida para que sejam capazes de pensar sobre a própria realidade, promovendo, assim, a compreensão da realidade local no contexto global. Segundo Freire, o conhecimento prévio do aluno deve ser levado para a sala de aula como o ponto de partida do professor ao ensinar, conforme enfatiza:

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa (FREIRE, 2019 p. 120).

Vale destacar que a pesquisa se justifica a partir de dois argumentos: 1- pandemia iniciada no ano de 2020 no Brasil, devido ao vírus Covid-19; 2- experiência como professora da Educação Básica em momento pandêmico. Assim, emergiram algumas indagações sobre o ensino remoto através do uso das plataformas digitais.

Diante de tal cenário, é possível argumentar que o uso das ferramentas tecnológicas no processo ensino e aprendizagem exige mais que o conhecimento técnico; é fundamental o olhar através do conhecimento pedagógico.

Desse modo, acessando a plataforma YouTube os dados de cada videoaula foram coletados e organizados, seguindo os critérios descritos: a data de publicação, o tempo de duração, a quantidade de visualizações, e a quantidade de reações relativas às marcações positivas ou negativas. Os aspectos pedagógicos também foram observados na pesquisa: abordagem, adequação ao conteúdo, linguagem, público-alvo, recursos, estratégias e outros.

Optou-se por cinco vídeos de uma mesma área de conhecimento tendo em vista manter certa similaridade dos conteúdos, levando em consideração os títulos e as características. A análise das videoaulas partiu das seguintes perguntas: Que vídeos estão sendo veiculados no YouTube para atender crianças de seis anos nas aulas de Geografia? Quais as principais características técnicas e pedagógicas dessas videoaulas?

Diante do objetivo da pesquisa, algumas escolhas foram necessárias: i) plataforma: YouTube; ii) área de conhecimento e ano escolar do Ensino Fundamental I: Geografia, 1º ano; iii) quantidade de vídeos: cinco; iv) critério de escolha: vídeos veiculados no YouTube, no período de 2020-2021; v) critérios de análise: título, conteúdo e características principais.

Para justificar cada escolha, argumenta-se que o YouTube é uma plataforma de carregamento e compartilhamento de conteúdo audiovisual, que foi criada em 15 de fevereiro de 2005 pelos americanos Steve Chen e Chad Hurley. O nome advém da palavra tubo que remete à televisão. Assim, YouTube seria algo como “você no tubo”, ou “você na TV” (CAETANO; FALKEMBACH, 2007). A intensificação do uso dessa plataforma resulta de publicações para crianças e adultos, com objetivos diferentes. O foco pedagógico não está atrelado aos critérios de publicação de vídeos para crianças, o que justifica a importância de olhar para os conteúdos produzidos, publicados e acessados na plataforma.

No levantamento prévio foram selecionados sete canais que apresentavam aulas de Geografia para o 1º ano Fundamental, gerando os resultados conforme quadro 2 a seguir.

**Quadro 1-** Canais do YouTube que apresentavam aulas de Geografia para o 1º ano Fundamental

<b>Canal do YouTube</b>	<b>Conteúdo</b>
Facilite com Biases	Casa, Escola e Endereço
Intera Online	Tipos de moradia
Tia Josi	Moradia: Lugar de convivência
Intera Online	As pessoas e os lugares
Prô Léo	Crianças em diferentes lugares do mundo
Aprender Online	Em que lugar vivemos
Colégio Roselândia	Condições do tempo atmosférico

Fonte própria.

A partir deste levantamento foram selecionados cinco canais para estudo. Os vídeos foram escolhidos levando em consideração as características diferenciadas de vídeos caseiros e de canais, que atendessem a dinâmica da área do estudo. A opção de cinco vídeos a serem analisados se deu a partir do entendimento de que seria possível coletar amostras como fonte de pesquisa.

Foram escolhidos vídeos veiculados no YouTube, no período de 2020-2021, direcionados a educandos brasileiros de seis anos de idade, contendo situações do cotidiano ou onde as situações fossem explicadas pelo conteúdo, considerando o conhecimento prévio das crianças.

A análise se baseou no título, conteúdo e características principais das videoaulas. A busca pelos vídeos se deu em agosto de 2021. A temática escolhida serve de base para a compreensão da formação sociocultural e do espaço vivido, na tentativa de aproximar o conteúdo à vivência (ou não) dos alunos. Os conteúdos foram avaliados seguindo critérios conforme explicita Haydt (2011, p. 96).

- a) A validade: deve haver uma relação clara e nítida entre os objetivos a serem atingidos com o ensino e os conteúdos trabalhados. Isto quer dizer que os conteúdos devem estar adequados e vinculados aos objetivos estabelecidos para o processo de ensino e aprendizagem.
- b) A utilidade: o critério de utilidade está presente quando há possibilidade de aplicar o conhecimento adquirido em situações novas. Os conteúdos curriculares são considerados úteis quando estão adequados às exigências e condições do meio em que os alunos vivem, satisfazendo suas necessidades e expectativas, e quando tem valor prático para eles, ajudando-os na vida cotidiana a solucionar seus problemas e a enfrentar as situações novas.
- c) A significação: um conteúdo será significativo e interessante para o aluno quando estiver relacionado às experiências por ele vivenciadas. Por isso, o professor deve procurar relacionar, sempre que possível, os novos conhecimentos a serem adquiridos pelos alunos, com suas experiências e conhecimentos anteriores, fazendo uma ponte para ligar o já conhecido ao novo, e ao desconhecido. É esta ligação do conhecido e vivenciado ao desconhecido e novo que torna o conteúdo significativo e interessante.
- d) A adequação ao nível de desenvolvimento do aluno: os conteúdos a serem assimilados devem corresponder às aprendizagens essenciais e desejáveis, contribuindo para o desenvolvimento das potencialidades do aluno, de acordo com sua fase evolutiva e com interesses que o impelem à ação.

Vale destacar que a BNCC enfatiza que os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico com o objetivo de

compreender aspectos fundamentais da realidade, da vida e do mundo em permanente transformação. Para desenvolver o raciocínio geográfico, importante processo cognitivo a ser desenvolvido com a mediação pedagógica do professor com os alunos, a BNCC detalha e articula os princípios pelos quais o aluno poderá desenvolver e potencializar o pensamento espacial. Como indicado no quadro alguns princípios do raciocínio geográfico.

**Quadro 2-** Descrição dos princípios do raciocínio geográfico

<b>PRINCÍPIO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Analogia	Um fenômeno é sempre comparável a outro. A semelhança entre fenômenos corresponde à unidade terrestre.
Conexão	Interação entre fenômenos geográficos, próximos ou distantes.
Distribuição	A distribuição dos objetos pelo espaço.
Diferenciação	A variedade dos fenômenos geográficos leva às diferenças entre áreas.
Extensão	Espaço finito e contínuo delimitado pelo fenômeno geográfico.
Localização	A localização pode ser absoluta (sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (relações espaciais topológicas ou interações espaciais).
Ordem	Ordem ou arranjo espacial é o modo de estruturar o espaço de acordo com as regras da sociedade que o produziu.

Fonte: Princípios do raciocínio geográfico, segundo a BNCC.

Diante de tais escolhas, quais vídeos são acessados por crianças de seis anos? Como as crianças têm aprendido geografia no momento pandêmico? Quais são as análises sobre os vídeos educativos disponibilizados no YouTube? Essa discussão será o foco no próximo capítulo.

### CAPÍTULO 3 – VIDEOAULAS DE GEOGRAFIA NO YOUTUBE: ANÁLISES E DESDOBRAMENTOS PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O conteúdo não é um fim em si. E nesta perspectiva considero muito importante e significativo o estudo do município – como se constroem o espaço, a história e a sociedade do lugar em que o aluno vive.

As séries iniciais, período em que se dá a alfabetização, são o início da vivência socializadora em um grupo formal, organizado fora da criança e por motivos externos à ela. Se o aluno tem de vivenciar a sua vida dentro desse grupo, formalmente desenvolvendo a aprendizagem de certos aspectos da vida, não se pode deixar de lado a vivência que ele tem fora da escola e aquela dos anos de vida que precederam a alfabetização (dentro e especialmente fora da escola).

Helena Callai

A discussão realizada neste capítulo registra as observações e análises de cinco videoaulas de Geografia sobre a temática “O sujeito e seu lugar no mundo” para o público do 1º ano do Ensino Fundamental. Vale ressaltar que, segundo Ferrés (1996), as videoaulas são aliadas no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que possuem um poder muito forte de ilustração e prendem a atenção quando bem estruturadas e elaboradas, por isso é estratégico o uso de bom senso nas escolhas e formatos dos vídeos. Ainda para o autor, um bom vídeo pode servir para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade e a motivação para novos temas e aponta que o vídeo cria uma hiper estimulação sensorial, afinal, o movimento possui um grande poder de atração.

**Tabela 1-** Títulos e links das videoaulas selecionadas

Nº	Título	Link	Canal
1	As pessoas e os lugares	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=3nNlufZUu-o">https://www.youtube.com/watch?v=3nNlufZUu-o</a>	Intera Online
2	Crianças em diferentes lugares do mundo	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=06MsXwGgxBM">https://www.youtube.com/watch?v=06MsXwGgxBM</a>	Prô Léo
3	Em que lugar vivemos	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=PRz_L3erNXo">https://www.youtube.com/watch?v=PRz_L3erNXo</a>	Aprender Online
4	Tipos de moradia	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=FMobdNAuasY">https://www.youtube.com/watch?v=FMobdNAuasY</a>	Intera Online
5	Moradia: Lugar de convivência	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=OAbFAWbUcUE">https://www.youtube.com/watch?v=OAbFAWbUcUE</a>	Tia Josi

Fonte: a autora.

Na tabela 1, foram listados e enumerados os títulos, os links e os canais em que os vídeos estão disponibilizados para acesso na internet. Nota-se que todos são de autoria de professores. As videoaulas 1 e 4 foram produzidas por canais de produtores individuais, criados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, a princípio sem interesse comercial. No

canal *Intera Online* encontramos videoaulas de diversas disciplinas e de segmentos diferentes, ou seja, do 1º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, não sendo um canal voltado exclusivamente à disciplina de Geografia.

Já os canais *Aprender Online*, *Prô Léo* e *Tia Josi* nos levam a crer que foram criados para atender ao público escolar exclusivamente do 1º Ano do Ensino Fundamental e apresentam vídeos de outras disciplinas curriculares.

Os vídeos foram escolhidos a partir do ponto de interesse que eram videoaulas de Geografia destinadas para atender ao público infantil (crianças de seis ou sete anos de idade), possivelmente matriculadas em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, enquanto o ensino remoto emergencial fora adotado, veiculados no período de pandemia (2020-2021). Os dados como data de publicação, número de visualizações, tempo de vídeo e número de curtidas estão dispostos na tabela 2.

**Tabela 2** - Dados das videoaulas disponibilizadas no Youtube

Nº	Data de publicação	Visualizações	Marcação positiva	Tempo de duração
1	17/11/2020	2.165	37	1'33
2	03/09/2020	24.285	407	4'04
3	24/11/2020	8.828	126	18'40
4	14/04/2020	108.207	1,4 mil	1'50
5	03/08/2021	906	40	3'46

Fonte: a autora.

Durante a pesquisa foi observado que em todos os vídeos analisados, os comentários estavam desativados, podendo ter sido uma opção do proprietário do vídeo, conforme esclarecido pela central de ajuda da plataforma.

Pode-se entender, também, que os vídeos mais assistidos podem refletir uma aprovação maior quanto à sua eficiência, além de sinalizarem uma avaliação para os futuros usuários. Entretanto, esses marcadores se mostraram insatisfatórios para caracterizar as videoaulas selecionadas.

Notamos que a maioria das videoaulas apresentou milhares de visualizações, com exceção da videoaula 5 que apresentou 906 visualizações. Possivelmente, por ser a videoaula mais recente, desde sua publicação até o mês de agosto de 2021, período em que ocorreu a coleta de dados. A videoaula 4 foi visualizada por 108.207 usuários. Nesse sentido, entendemos que alguns fatores influenciam na quantidade de visualizações de uma videoaula, que podem ser o tempo de duração do vídeo, a qualidade do conteúdo, o processo de divulgação, falta de interrupções com anúncios e também por estar mais



tempo disponível na plataforma.

É possível, porém, observar que nem sempre a data de publicação tem relação com a quantidade de visualizações, como ocorre nas videoaulas 1 e 3. A quantidade de marcações positivas é muito menor que a quantidade de visualizações em todos os vídeos enumerados, nem mesmo considerando que o vídeo 3 tenha 18'40 de duração, classificado acima do tempo médio de vídeos no YouTube.

No que se refere à duração das videoaulas, Barrére (2014) classifica o tempo de duração em curto (menos de 2 minutos), médio (até 5 minutos), longo (até 20 minutos) e muito longo (acima de 20 minutos). Sendo assim, as videoaulas 1 e 4 apresentam curta duração, as videoaulas 2 e 5 são de duração média e o vídeo 3 considerado de longa duração.

Sobre a relação entre vídeos e o processo de aprendizagem, Moran (2013) considera que um indivíduo recebe o ensinamento por mais de um sentido enquanto assiste a um vídeo, o que permite maior envolvimento com o objeto de estudo. O audiovisual como ferramenta pedagógica apresenta, para o autor, informações através de uma linguagem dinâmica em formato multimídia, combinando imagem, áudio, texto e movimento.

Especificamente sobre as descrições do audiovisual das videoaulas, percebe-se que a videoaula 1 tem como estratégia a apresentação digital em slides com áudio do discurso do professor que faz uso de narrativa expositiva. Para explicar o conteúdo com mais clareza, ele recorre à linguagem mista, clara e objetiva. Enquanto isso, a parte visual ilustra e exemplifica o que está sendo apresentado como parte complementar a aula.

Conforme argumenta Tori (2008 *apud* BARRÉRE, et al., 2011), por apresentar imagem e som simultaneamente, o vídeo torna-se uma mídia que desperta mais interesse para os estudantes. O uso das mídias pode potencializar o aprendizado por estar situado em um ambiente não convencional (sala de aula), podendo gerar mais descontração para aprendizagem despertando ainda mais o interesse dos alunos. Para o autor:

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços (MORAN, 1995, p. 27)

Apesar de o vídeo não apresentar claramente definido ou identificável o público a que se destina, salvo pelo título, ele se mostra adequado ao público de acordo com o componente curricular e a proximidade de suas vivências cotidianas. A professora inicialmente cumprimenta as crianças e se identifica como “Prô Vanessa”, o que pode denotar uma proximidade afetiva com elas. O roteiro apresenta linguagem clara e objetiva, as frases são curtas, concisas e diretas, facilitando a compreensão da mensagem transmitida. A qualidade do vídeo é boa e não apresenta interferências externas. Com caráter pedagógico, o conteúdo foi apresentado recorrendo ao uso de imagens animadas para exemplificar as diversas situações cotidianas buscando cultivar nas crianças a vida em sociedade. A quantidade de informações é suficiente para entender o assunto de forma completa, levando o público-alvo a considerar os espaços vividos e observá-los compreendendo o lugar e as pessoas em suas variadas funções. Conforme as características apresentadas, identificamos uma abordagem sociointeracionista, pois a professora leva a criança a observar, experimentar, comparar e levantar hipóteses para construir seu conhecimento, apoiando-se na interação do organismo com o meio conforme a visão vygotskiana.

Na videoaula 2, a professora inicia o vídeo falando do caráter afetivo antes de falar de ideias, de conceitos e teorias, ou seja, começa pelo que toca o aluno aproximando-o de outras crianças ainda que de outras nacionalidades. Na concepção walloniana, o afeto surge como um instrumento que proporciona a integração da criança com a sensibilidade, através da motivação e da conscientização, buscando a formação de um cidadão crítico e reflexivo. Para esse autor:

A afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico (WALLON, 2008, p. 73).

O vídeo apresenta crianças no Brasil e em diferentes lugares do mundo ressaltando que há muitas diferenças entre elas, mas apontando como semelhança o ato de brincar. Essa videoaula acontece como argumenta Morán (1995) em que “o vídeo aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da

sociedade urbana, mas também introduz novas questões no processo educacional”. (p. 27)

A narrativa faz referência ao cotidiano, tem função informativa, os enunciados se adaptam às imagens e ao nível de compreensão das crianças. Apesar da abordagem tradicional, a aula expositiva pode ser capaz de desenvolver o pensamento crítico, pois a professora provoca, interpela e estimula o interesse das crianças, buscando trazer a criança para a atenção ao que está sendo apresentado. Tem riqueza visual advinda da variedade (fotos, desenhos e mapas).

A videoaula 3 apresenta, no início do vídeo, o que se destina à criança do Ensino Fundamental Séries Iniciais sem definir a seriação. A qualidade do vídeo não atende às expectativas. Apesar de dinâmico, a relação entre som, imagem e texto fica comprometida, dificultando a compreensão da fala da professora. O conteúdo é relevante e adequado ao público, porém extenso. O que nos leva a considerar a atenção e retenção aos mesmos, sendo recomendável produzir vídeos que tenham entre 5 a 15 minutos de duração (BARRÉRE et al., 2011 apud KOUMI, 2006).

Vale ressaltar que, ainda conforme Barrére (2014), mesmo ultrapassando a duração de 15 minutos, os vídeos apresentam como grande vantagem a navegabilidade no conteúdo, ou seja, o discente pode ir diretamente ao ponto da videoaula que possui maior interesse, diminuindo assim os impactos de atenção e retenção gerados por vídeos com maior duração.

Os objetivos pretendidos dessa videoaula foram descrever características observadas dos lugares de vivência dos alunos (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares. Acredita-se que seja ministrada uma sequência de aulas, visto que a professora sugere atividades posteriores. Os elementos visuais são ricos em cores e articulam fotos e desenhos. Tem proposta interdisciplinar estabelecendo relações entre duas disciplinas ou ramos de conhecimento.

No transcorrer da videoaula outra professora realiza a leitura do livro ‘A rua do Marcelo’, de Ruth Rocha, o que o distingue dos demais vídeos analisados. A partir da leitura do livro a professora convida as crianças a se familiarizarem com a rua e o bairro onde vivem, as diferenças e semelhanças de moradias. Aos 11’35, o vídeo é apresentado ainda por uma terceira professora, deixando o vídeo excessivamente discursivo, comprometendo a qualidade do material. No final do vídeo, a professora faz uso de fala temporal, onde se despede das crianças com “boa tarde”.

Na videoaula 4 a professora aborda o tema ‘Tipo de moradias’. Além de apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, a aula suscita um trabalho posterior à exibição do vídeo. O vídeo funciona com um conjunto de imagens que ilustra o discurso verbal da professora. Com objetivo de auxiliar as crianças nas atividades seguintes, a professora disponibiliza um link<sup>1</sup>. A abordagem, ainda que tradicional, busca aproximar as crianças à realidade que as cerca. Conforme Fernandes (2011), uma aula expositiva, se bem elaborada, pode vir como auxiliar no desenvolvimento da prática pedagógica com eficácia, podendo ser o melhor meio de ensinar determinados conteúdos e garantir a aprendizagem. A autora ainda aborda que este não pode ser o único recurso usado e deve sempre fazer parte de uma sequência de atividades.

Na videoaula 5, o título do vídeo é “Onde eu moro?”, com a temática “Moradia: lugar de convivência”. O vídeo está baseado na proposta do material didático ‘Aprender Juntos’, páginas 40 e 41, do 1º Ano do Ensino Fundamental, conforme informado no escopo da legenda. A abordagem pedagógica traz a aproximação de uma aula expositiva dialógica, o vídeo é explicativo e faz relação com a vivência das crianças. A professora inicia o vídeo convidando as crianças a pensarem como pode ser chamado o lugar onde as pessoas moram e a seguir apresenta algumas denominações: moradia, casa e lar. Através de imagens, convida-as a reconhecerem os espaços e suas divisões e as define como cômodos. A professora parece fazê-las pensar sobre o assunto e faz algumas perguntas: “Quais atividades você costuma realizar em sua moradia?”, “Do que você mais gosta em sua moradia?”, “Qual é a parte da casa que você mais gosta de ficar? Por quê?”. A aula apresenta conteúdo sistematizado e pertinente ao público-alvo. No transcorrer do vídeo a professora nomeia e caracteriza as partes da casa especificando suas funções e objetos pertencentes a cada ambiente. Por fim, faz referência de que nem todas as casas apresentam todos os cômodos apresentados nas imagens, demonstrando respeito à particularidade de cada um. A linguagem clara, formal e objetiva atende a necessidade do usuário. É um vídeo com imagens legíveis articuladas com a fala da professora. Nesta prática pedagógica a professora utiliza-se dos conhecimentos prévios da criança se colocando como mediadora do processo, levando-a a questionar, ser reflexiva e reconstruir seu conhecimento.

Vale ressaltar que o simples oferecimento de vídeos do YouTube aos alunos não resultará na construção do conhecimento puro e simples. Aliás, nenhuma tecnologia por

---

<sup>1</sup> Link: <https://youtu.be/U6HuzL3CPLU>.

si só é capaz de garantir que o aluno aprenderá, portanto, há que se pensar e planejar com cuidado o uso do YouTube como ferramenta pedagógica. É necessário planejar e buscar alternativas e estratégias de ensino para manter os alunos engajados.

Vygotsky (1991) calca-se na compreensão de que a condição de humanização está baseada nos processos de mediação. Concebe o desenvolvimento como uma condição histórica a partir do encontro de nossos “eus” com os “outros”, de onde ocorreria a internalização de signos que serão gradativamente arranjados em um sistema simbólico interno. A essa condição, acrescentamos a geográfica como processo de encontro e significação dos territórios e culturas ocupadas pelos sujeitos. É dessa forma que vamos estruturando uma percepção e um conhecimento de mundo, o que torna possível a nossa operação mental sobre ele.

Um outro aspecto importante é a linguagem estabelecida nos vídeos. A natureza sintética e a articulação entre imagens, sons, falas e poucos textos ressalta produções potentes para o ensino de Geografia destinado à crianças de seis anos de idade, no processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental I.

O foco da aprendizagem em tempos de pandemia demanda utilização de novos métodos de ensino-aprendizagem que considerem a diversidade, a realidade e a acessibilidade dos alunos. Para Moraes (2008, p.27), no processo de mediação pedagógica, tanto a comunicação como o conhecimento implicam processos de cocriação de significados construídos a partir de práticas, relações e identidades.

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Segundo Callai (2005), o importante é proporcionar à criança ler o espaço vivido, um processo que se inicia quando a criança não ouve mais o som do útero da mãe que a abrigava. Desde que a criança nasce, ela busca conhecer esse novo espaço amplo e repleto de obstáculos. E, sem se amedrontar, supera desafios ampliando sua percepção de lugar e espaço.

Por isso, defende-se que os recursos digitais podem ser utilizados e combinados formando um ambiente de aprendizagem favorável (BELONNI, 2001a), em que as tecnologias podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem desde que haja uma boa mediação pedagógica favorecendo ampla maneira de ensinar e potencializar o processo aprendente dos alunos. Essa integração como eixo pedagógico central pode ser uma estratégia de grande valia, desde que se considerem estas técnicas como meios e não

como finalidades educacionais e que sejam utilizadas em suas duas dimensões indissociáveis: ensino e aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola deve representar a vida presente para que esta também seja viva, para que consiga acolher os alunos e possa dar-lhes condições de realizarem a sua formação, de desenvolver um senso crítico e ampliar as suas visões de mundo. Para que isso aconteça, a escola precisa ser geradora de motivações, a pesquisa ser apresentada como possibilidade de busca/investigação e produção do conhecimento e o professor, o mediador desse processo. A presente pesquisa entende o seu espaço de vivência com os fenômenos de ordem naturais (paisagem, clima, vegetação, solos e hidrografia) e de ordens humanas (aspectos culturais, políticos e econômicos) como potentes para o ensino de Geografia.

As videoaulas analisadas conseguiram, em sua maioria, atender a necessidade de produção de conhecimento em período pandêmico. Um conhecimento capaz de estabelecer inter-relações com a realidade, ou seja, com o lugar onde se vive e que sirva para a vida do aluno, tanto na perspectiva de se reconhecer como sujeito que tem uma identidade e que perceba o seu pertencimento, quanto um desenvolvimento cognitivo que lhe permita ler o mundo e ter as condições necessárias de viver bem.

A proposta de caracterizar as videoaulas observando os critérios pedagógicos e técnicos contribuiu de forma a entender como essas produções atenderam as demandas das crianças no período remoto emergencial. Apesar de ser um recurso eficiente para a aprendizagem, os educadores precisam estar atentos ao que será ofertado para a construção do conhecimento do alunado.

Os professores devem inserir os alunos em atividades que despertem, a princípio, a capacidade de observação dos lugares, aqueles mais significativos e identitários, encadeando outras habilidades necessárias à análise espacial do lugar: descrição, comparação, relação, correlação, entre outros (CALLAI, 2005). Vale ressaltar que sem um planejamento prévio, o uso do vídeo, como qualquer outro recurso didático, não cumpre o seu papel de potencializar as aulas, e, em alguns casos, pode ser prejudicial, contemplando frações do currículo.

Podemos verificar junto aos dados coletados que os vídeos apresentam características em comum, pois exibem uma abordagem técnica tradicional, com duração média, fazendo relação com o currículo e a vivência da criança, em sua maioria direcionada à faixa etária de seis anos.

Com o resultado da pesquisa foi possível verificar que os processos didáticos adotados para o ensino da Geografia na construção de conhecimentos em videoaulas para

alunos das séries iniciais em turmas do 1º ano Ensino Fundamental em período pandêmico, contemplaram a necessidade da criança se situar no tempo e no espaço em que vive, em tempos de pandemia, alcançando assim os objetivos de encaminhá-la ao conhecimento de variados aspectos sociais do qual ela também é produtora de cultura.

Dessa maneira, concordando com Freire (1996), o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Concluímos que as educadoras, através das videoaulas analisadas, encontraram formas capazes de articular a formação do sujeito com identidade e reconhecendo o seu pertencimento no contexto em que estava inserido. Nesse novo caminho, na visão de uma educação humanista, partir do pressuposto de que as crianças também se socializam, aprendem e produzem cultura de diferentes formas com base no que constroem e partilham entre seus pares foi a chave propulsora para uma aprendizagem significativa.

Muitos foram os desafios e dificuldades durante o ensino remoto emergencial, onde os profissionais da educação se depararam com a falta de tempo para articular e buscar novas estratégias de ensino, preparação e acesso a ferramentas digitais, favorecimento da educação inclusiva, capacitação de toda a comunidade escolar. Apesar da conjuntura inesperada de pandemia, os profissionais da educação buscaram caminhos e alternativas que pudessem de alguma maneira servir de rede de apoio, para além da sala de aula virtual. Acometidos pelo momento pandêmico, o desafio se instaurou: a necessidade de seres humanos dispostos a enfrentar juntos um dos maiores desafios dos últimos tempos.



## REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. **História Social da criança e da família**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: As Socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc, Campinas**, v.28, n.100- Especial, p.1059-1083, out.2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 22/08/2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 7 de abril de 1998**. MEC/CNE, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Parecer CNE/CP n. 5, de 28 de abril de 2020**. MEC/CNE, 2020.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BARRÉRE, Eduardo. Videoaulas: aspectos técnicos, pedagógicos, aplicações e bricolagem. In: NUNES, Maria Augusta Silveira Netto; ROCHA, Elizabeth Matos (Org.). **Anais da Jornada de Atualização em Informática na Educação**. 1ed. Dourados: EaD-UFGD, v. 1, 2014, p.70-105. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/pie/article/view/3154>. Acesso em 08 abril 2022.
- BARRÉRE, Eduardo. **Uso de vídeos como Objetos de Aprendizagem no curso de Licenciatura em Computação da UFJF**: um relato de experiência. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2675-4126.2021.v1.35455>. Acesso em abril de 2022.
- BELLONI, M. Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 78.
- CAETANO, Saulo Vicente Nunes; FALKEMBACH, Gilse Antoninha Morgental. YOU TUBE: uma opção para uso do vídeo na EAD. **Renote**, v. 5, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/download/14149/8084>>. Acesso em: 13 dez.2021.
- CALLAI, Helena Copetti. (1998). O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In A. C.Castrogiovanni, H. C. Callai, N. O. Schaffer & N. A. Kaercher (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões** (p. 57-63). Porto Alegre, RS: AGB, Seção Porto Alegre.
- CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**. São Paulo, n.16, p. 133-152, 2001.

- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, v.25 n.66 Campinas maio/ago. 2005.
- CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Acção Política**. Belém: Centro Cultural, 2005, 364 p.
- CASTRO, L. Rabello de. **O futuro da infância e outros escritos**. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2013.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
- FERNANDES, E. Aula expositiva: o professor no centro das atenções. **Nova Escola**. São Paulo, n. 246, out. 2011. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/aula-expositiva-professor-centro-atencoes-645903.shtml>. Acesso em 26 de maio de 2022.
- FERRES, Joan. **Vídeo e educação**. 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL. Aprendizagem na educação infantil e pandemia: um estudo em Sobral CE. Estudo. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2022. Disponível em: Aprendizagem na Educação Infantil e Pandemia: um estudo em Sobral/CE | Fundação Maria Cecília Souto Vidigal ([fmcsv.org.br](http://fmcsv.org.br))
- HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 2011.
- KOSLINSKI, M. C.; BARTHOLO, T. Impactos da pandemia na educação básica. Nota técnica D3e/Fundação Lemann, 2022. Disponível em: [nota\\_tecnica\\_2212\\_impactos\\_pandemia\\_educacao\\_brasileira.pdf](https://www.d3e.com.br/notes/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf) ([d3e.com.br](http://d3e.com.br))
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**: Goiânia: Alternativa, 2004.
- MARQUES, M.O. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.
- MORAES, Maria Cândido. Complejidad y mediación pedagógica. Nuevas perspectivas para la educación intercultural. In: DE LA TORRE, Saturnino; OLIVER, Carmen; SEVILLANO, María Luísa. **Estrategias didácticas en el aula**. Buscando la calidad y la innovación. Madri: UNED, 2008, p. 15- 44.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de novas tecnologias. In: MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida; MASETTO, SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Org.).

**Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto/Portugal: Asa Editores, 2004.

SILVA, M. Sala de aula interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. **Boletim Técnico do Senac**, v. 27, n. 2, p. 42-49, 30 maio 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martin

WALLON, Henri. **Afetividade e aprendizagem**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

#### PÁGINAS ELETRÔNICAS CONSULTADAS:

[https://desidades.ufrj.br/bibliographic\\_info/o-futuro-da-infancia-e-outros-escritos-de-lucia-rabello-de-castro/](https://desidades.ufrj.br/bibliographic_info/o-futuro-da-infancia-e-outros-escritos-de-lucia-rabello-de-castro/) Acesso em: 20 de agosto 2022.

[https://livrodigital.uniasselvi.com.br/PED09\\_didatica\\_e\\_a\\_formacao\\_do\\_professor/unidade2.html?topico=3](https://livrodigital.uniasselvi.com.br/PED09_didatica_e_a_formacao_do_professor/unidade2.html?topico=3) Acesso em: 25 de agosto de 2022.

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lynx/article/view/35455>

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=32621-cne-sintese-das-diretrizes-curriculares-da-educacao-basica-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32621-cne-sintese-das-diretrizes-curriculares-da-educacao-basica-pdf&Itemid=30192) Acesso em 26 de agosto de 2022.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-03/unesco-covid-19-deixa-mais-de-776-milhoes-de-alunos-fora-da-escola> Acesso em 20 de julho de 2023.

<https://www.dicio.com.br/videoaula/>. VIDEOAULA - In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Acesso em: 20 de julho de 2023.

<https://twitter.com/DrTedros>. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. TedrosAdhanomGhebreyesus. Acesso em: 20 de julho de 2023.

<https://webarchive.unesco.org/web/20220629131134/https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/consequences> Acesso em 20 de julho de 2023.